

Literatura e mídia na prática pedagógica: uma experiência com professores do curso de Letras do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor)*

*Literature and media in pedagogical practice: an experience
conducted with students of the National Teachers Training Program
(Parfor)*

Nelma Aronia Santos

Doutora em Comunicação e Semiótica – PUCSP
Professora assistente da Universidade do Estado da Bahia.
Nasantos@uneb.br

Resumo

A partir de uma oficina intitulada *Literatura e Mídia* realizada com os alunos do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor), unidade de Cotegipe, Bahia, e motivados pelo contexto social contemporâneo marcado por grandes transformações no processo de produção, criação e circulação da linguagem midiática e das artes em geral, nosso objetivo é fazer uma reflexão acerca das contribuições que o ensino de literatura, em interface com a linguagem midiática poderá trazer para a compreensão do contexto atual e dos procedimentos artístico-formais da literatura brasileira contemporânea, bem como pretendemos refletir sobre a possibilidade de novos paradigmas do sujeito leitor de textos literários.

Palavras-chave: Ensino. Leitor. Literatura. Mídia.

Abstract

Based on a workshop entitled *Literature and Media*, conducted with students of the National Teachers Training Program (Parfor), Unit of Cotegipe, Bahia, and motivated by the contemporary social context, which has been marked by major changes in the process of production, creation and circulation of media language and arts in general, our aim is to conduct a reflection on the contributions that the teaching of literature with an interface with media language can bring to the understanding of the current context and of artistic-formal procedures of contemporary brazilian literature. We also intend to reflect on the possibility of new paradigms of the subject reader of literary texts.

Key words: Education. Literature. Media. Reader.

Introdução

Situados num contexto social marcado por grandes transformações no processo de produção, criação e circulação da linguagem midiática, bem como das artes em geral, em decorrência, sobretudo, do avanço tecnológico, entendemos que a produção literária e, conseqüentemente, o trabalho com a literatura na escola não poderiam ficar imunes às grandes mudanças haja vista que a literatura presentifica, ritualiza ou mimetiza o real em sua forma e conteúdo.

Vários estudiosos e críticos literários têm se debruçado sobre o *modus operandi* de diversas linguagens e observado pontos de convergência ou mesmo a dissolução das fronteiras entre as mesmas. Dentre eles, destacamos Santaella (2005), que, em seu livro intitulado *Por que as comunicações e as artes estão convergindo*, nos apresenta um panorama das interfaces estabelecidas entre a comunicação e diversas linguagens. Cosson (2007), que escreveu a obra intitulada *Fronteiras contaminadas*, também nos apresenta a concomitância temporal entre a consolidação dos meios de comunicação e o chamado *boom* do conto brasileiro, bem como a contaminação das fronteiras entre literatura e jornalismo. Ainda no alvorecer do século XX, em sua obra intitulada *Estética da Criação verbal*, o crítico literário Mikhail Bakhtin (2000), já atentava para o fim das fronteiras bem demarcadas do gênero literário em favor de um gênero híbrido no romance.

Acreditando ser inegável a interface entre a produção literária contemporânea com outras linguagens, também entendemos ser necessário fazermos algumas reflexões acerca do *modus operandi* desse novo fazer literário e das contribuições que essas interfaces poderão trazer para o trabalho pedagógico.

Nessa perspectiva, apresentaremos a seguir, um relato de uma experiência que partiu de uma oficina pedagógica desenvolvida com professores-alunos do curso de Letras do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor), na cidade de Cotegipe (Bahia), cujo objetivo foi propiciar uma vivência de leituras de textos literários em interface com a linguagem midiática.

Esta oficina surgiu da constatação de que muitos desses professores, sobretudo os que trabalham nas zonas rurais ou periféricas, tem encontrado dificuldades para trabalhar com algumas poesias em interface com os meios de comunicação, sejam impressos ou digitais, em especial aqueles cuja leitura se faz *online*, pois muitas vezes essas comunidades não têm, sequer, acesso à internet.

Diante de tais dificuldades, muitos professores que trabalham na zona rural desconhecem essas poesias. Ou seja, sem acesso aos suportes digitais, eles são excluídos de uma boa parte da produção literária contemporânea que circula nas zonas urbanas. Não foi por acaso que, dentre os temas propostos, *Literatura e Mídia* foi o escolhido pelos professores.

A origem da proposta de trabalho e metodologia

Ao receber um convite para realização de uma oficina com estudantes do curso de Letras do Parfor, unidade de Cotegipe, cidade situada no Oeste da Bahia, sabendo que o tema era livre, mandei algumas propostas, dentre as quais, a escolhida foi *Literatura e Mídia*.

Escolhido o tema, delimitamos nosso trabalho com a literatura, especialmente contos, microcontos e poesias visuais em interface com a publicidade e a mídia impressa, dividindo-a em três etapas.

A primeira etapa, com carga horária de 30 horas, teve como objetivo dar suporte teórico aos alunos-professores para que compreendessem o contexto histórico e social das décadas de 1960 e 1970, em que ocorreram grandes transformações no processo de produção, criação e circulação da linguagem midiática, bem como das artes em geral, em decorrência, sobretudo, do avanço tecnológico. Ainda nessa etapa, estudamos os procedimentos de criação do discurso midiático e o modo como a literatura, sobretudo o conto e a poesia visual, estabeleceu interface com a linguagem midiática, seja numa perspectiva crítica ou assimilatória da sua estrutura.

A segunda etapa, com carga horária de 20 horas, constituiu-se de atividades teórico-práticas em que lemos e analisamos contos e poesias visuais bem como propusemos que os alunos-professores experimentassem criar microcontos ou contos que dialogassem com a estrutura da linguagem do discurso jornalístico, sobretudo dos relatos de ocorrência, ou criassem poesias visuais que parodiassem o discurso publicitário.

As poesias paródicas criadas por eles tiveram como ponto de partida a poesia *Clichetes*, de Philadelpho Menezes (ver figura 1), analisada em aula anteriormente. Essa experiência foi muito interessante pois uma aluna estava com um chiclete Tridente na bolsa e, no mesmo instante, lhe ocorreu a ideia de parodiá-lo.

Assim, a marca Tridente virou *Trikadent* (ver figura 2), e onde se lê “contém 5 unidades”, transformou-se em “contém 5 ruindades”; onde se lê “canela”, passou a ser “comela”. Outro aluno, ficou olhando para seu celular da marca LG e começou a pensar no que fazer. Pouco tempo depois ele surgiu com o slogan (ver figura 3) “Para falar muito é preciso LG (Língua Grande)”.

O que pudemos perceber nessa experiência é que é possível realizar um trabalho de produção de texto ressignificando as coisas que carregamos no nosso cotidiano. Os professores ficaram tão entusiasmados com a praticidade e o caráter lúdico dessa atividade que foi decidido levar a experiência para ser realizada nas salas em que esses alunos-professores lecionam. Assim, na terceira etapa, compartilharíamos tanto os trabalhos dos alunos quanto dos professores.

Desse modo, a terceira etapa, com carga horária de 10 horas, intitulada I Mostra de Literatura e Mídia, foi realizada na quadra de esportes do Colégio Estadual Jutair Magalhães, em Cotegipe. Nesse espaço aberto, fizemos uma exposição dos trabalhos produzidos pelos professores-alunos do curso de Letras com suas respectivas turmas.

Os trabalhos foram divididos em seis grupos: o grupo de poesia visual utilizou como suporte um projetor de imagens e expôs, numa mesa e parede, poesias visuais paródicas criadas tanto pelos alunos-professores do Parfor quanto por seus alunos da sétima, oitava série e Ensino Médio; o grupo de videopoesia utilizou como suporte um projetor de imagem e apresentou uma poesia de autoria de uma aluna-professora (Parfor); o grupo de microcontos expôs seus trabalhos em recipientes que simulavam vidros com pílulas de remédios, nos quais colaram um texto com a posologia da poesia e também colaram a produção dos seus alunos em papel cartão pendurados em linhas de *nylon*; o grupo que trabalhou conto em interface com relatos de ocorrência, inspirado em contos de Rubem Fonseca, também utilizou linha de *nylon* para expor seus trabalhos que foram criados a partir de alguns *fait divers* ocorridos na cidade naquela semana; o grupo que trabalhou o conto em interface com a entrevista jornalística fez uma adaptação do conto *Entrevista*, de Rubem Fonseca e o apresentou de forma cômico-dramática; o grupo de história em quadrinhos, além de expor a produção em cordões de *nylon*, convidou um ilustrador da comunidade para ilustrar os desenhos e propôs uma atividade interativa em que ofereciam as ilustrações e, a partir das mesmas, o público criava uma história; em seguida, as histórias criadas foram lidas para o público.

Além desses trabalhos, fizemos uma instalação com dezenas de revistas sobre literatura que intitulamos literatura na mídia. Ao final da tarde, o espaço foi aberto para os estudantes e professores que quisessem fazer alguma performance. Vários alunos cantaram e leram poesias. A I Mostra de Literatura e Mídia de Cotegipe se tornou um espaço muito festivo e com grande participação da comunidade.

A divulgação da I Mostra de Literatura e Mídia em Cotegipe

Para a divulgação da I Mostra, utilizamos como folder as duas poesias visuais criadas pelos próprios alunos-professores, que parodiaram as marcas LG e Trident (figuras 2 e 3) e as publicamos no *facebook*. No dia do evento, distribuímos 100 cartões no mesmo formato do celular e do chiclete *trikadent* para os estudantes do Ensino Fundamental e Médio. A recepção das poesias, tanto na modalidade do *facebook* quanto dos cartões, foi muito positiva. Os autores das poesias receberam vários elogios e, com esse reconhecimento, ficaram muito motivados e realizados com o trabalho.

A escolha do *corpus* para a realização da oficina

Para a realização da oficina selecionamos os contos *Entrevista*, *Corações solitários*, *Relatos de ocorrência*, *Livro de ocorrência*, de Rubem Fonseca (2000). Os três primeiros, por fazerem interface com a mídia impressa, e o segundo, com o livro de ocorrência, meio de comunicação das delegacias de polícia, cujo extrato é enviado para a mídia. Foram selecionados, ainda, vários microcontos da obra intitulada *Os cem menores contos do século*, de diversos autores, organizado por Freire (2009), que fazem interface com o discurso jornalístico, especialmente com as manchetes ou *leads*; poesias visuais e microcontos da obra intitulada *O Sol nasce para toldos*, do autor que se identifica apenas como Nildão (2005), e diversas poesias visuais de Philadelpho Menezes, Delcio Pignatari, Augusto de Campos, Haroldo de Campos, Arnaldo Antunes, que fazem interface com a linguagem publicitária. Todos eles foram pesquisados na internet. (POESIA. . . , 2013).

Da teoria à prática: As contribuições da interface literatura e mídia para o trabalho pedagógico

Sempre soubemos, grosso modo, por meio dos livros didáticos, que uma das diferenças básicas entre o discurso midiático e o literário era que, no discurso literário, a função da linguagem predominante era a função poética e, no discurso midiático, a função predominante era a apelativa, para o discurso publicitário, ou referencial para o discurso jornalístico. Sabíamos, também, que no discurso literário havia predominância do código verbal, enquanto, no midiático, a predominância era o visual.

Não obstante, já nos anos cinquenta, com o advento da poesia concreta, essas fronteiras conceituais já haviam sido rasuradas e sabemos que a poesia visual, que trabalha tanto com o código verbal quanto com o visual, já existia no ano 300 antes de Cristo. Ainda assim, o fato é que, em decorrência do descompasso entre a produção literária e as práticas pedagógicas, até hoje percebemos as dificuldades em compreender a dissolução das fronteiras dos gêneros textuais e seus respectivos códigos.

Destarte, apesar dessas dificuldades, é preciso reconhecer que

No mundo contemporâneo, marcado pelo apelo informativo imediato, a reflexão sobre as linguagens e seus sistemas, que se mostram articulados por múltiplos códigos, e sobre os processos e procedimentos comunicativos é mais do que uma necessidade, é uma garantia de participação ativa na vida social, a cidadania desejada (BRASIL, 2000, p. 6).

Em acordo com as reflexões contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais, acreditamos que o trabalho da literatura em interface com o discurso midiático poderá trazer grandes contribuições para nossas práticas pedagógicas, haja vista que estamos diante de linguagens que se articulam numa perspectiva mais dialógica, considerando que,

No campo dos sistemas de linguagem podemos delimitar a linguagem verbal e não-verbal e seus cruzamentos verbovisuais, audio-verbo-visuais etc. [...] Podemos assim falar em linguagens

que se confrontam nas práticas sociais e na história, e fazem com que a circulação de sentidos produza formas sensoriais e cognitivas diferenciadas (BRASIL, 2000, p. 6).

Desse modo, acreditamos que a poesia *Clichetes*, de Philadelpho Menezes (ver figura 1) e as poesias *Trinkadentes* e *LG (Língua Grande)* criadas pelos alunos, a partir da poesia *Clichetes*, utilizam procedimentos de criação numa perspectiva dialética ou dialógica, uma vez que, por um lado, parodiam os textos referentes de modo a desconstruir seus discursos, mas, por outro lado, assimilam a estrutura do textos referentes, sem contudo deixar de perceber seus pontos de divergências. Ao se referir ao poema *Clichetes*, Philadelpho Menezes (2013) afirmou:

A poesia intersignos que destaca os significados da imagem fora da palavra, procura romper com a desatenção e automação que nós temos na observação das informações visuais, predominantemente no mundo contemporâneo. Foi procurando a desautomatização do olhar que fiz o poema, em que numa caixinha de chicletes são feitas pequenas modificações, subvertendo o sentido geral da informação. Seria essa, enfim, uma nova maneira de se pensar visualmente, formulando ideias através de imagens, símbolos, letras? No mínimo, é uma forma de se pensar com humor e recuperar o poema como um modo de pensar com prazer.

Visto desse modo, acreditamos que a interface literatura e publicidade poderá garantir a leitura de outras modalidades de escrita poética, haja vista que esses poemas utilizam a mesma estratégia de persuasão do discurso publicitário: suas cores, seu design gráfico e a condensação de palavras. Vale ressaltar que, no caso do trabalho com as poesias digitais por exemplo, não se trata de um deslumbramento cego com as linguagens produzidas com as novas tecnologias, pois, segundo Arlindo Machado (2004, p. 22),

Quando o artista opera com essas linguagens midiáticas, na maioria das vezes, ele busca interferir na própria lógica das máquinas e dos

processos tecnológicos, subvertendo as possibilidades prometidas pelos aparatos e colocando a nu os seus pressupostos, funções e finalidades. O que ele quer é, num certo sentido, “desprogramar” a técnica, distorcer as funções simbólicas, obrigando-as a funcionar fora de seus parâmetros conhecidos e a explicar os seus mecanismos de controle e sedução. Neste sentido, ao operar no interior da instituição da mídia, a arte a tematiza, discute os seus modos de funcionar, transforma-a em linguagem-objeto de sua mirada metalinguística.

Mesmo na poesia *Clichetes*, de Philadelpho Menezes, ou na poesia *Carandaslú*, de Nildão (ver figura 4), percebemos que esses autores, de fato, desprogramam a técnica e subvertem essas possibilidades prometidas de que nos fala Machado e, assim, tematizam e discutem seu modo de “funcionar”.

Se, conforme Augé (2006, p. 106), “[...] a relação com os meios de comunicação pode gerar uma forma de passividade [...]”, o poeta e o aluno na sala de aula podem desprogramar essa lógica de funcionamento, por meio da paródia que ironiza e desconstrói o texto referente.

Outro aspecto que o professor deverá levar em conta é que também não se trata de escolhermos uma linguagem em detrimento de outras. Ao contrário disso, trabalhar com a poesia visual, digital ou videopoesia pode ser, como já dissemos, um caminho para garantir a leitura de outras formas poéticas ou literárias em outras áreas do conhecimento, uma vez essa linguagem tem estratégias de sedução mais imediatas e seu processo de criação, necessariamente, requer a interface com outras áreas. Segundo Araújo (1999, p. 116-117), em entrevista cedida a Clemie Blaud, aluna do curso de cinema da ECA-USP, Júlio Plaza afirma:

Eu acho que a arte, a poesia e a literatura estão sendo modificadas. A noção de multimídia, de hipertexto é muito interessante para a área de literatura, para as áreas interdisciplinares. A tecnologia tende a fazer uma síntese polifônica de várias linguagens como o som, a holografia, o desenho, a imagem de vídeo, de cinema, a palavra: todos os códigos da história são aglutinados e estão embutidos em memórias. [...] Essas transformações são naturais. Poetas que tem uma missão

mais acurada olham menos para o passado, mesmo porque a tecnologia incorpora o passado também.

O que a tecnologia cinematográfica, a poesia digital ou visual incorporaram do passado, como diz o autor, foi, por exemplo, a história em quadrinhos, pois, segundo Briggs e Burke (2006, p. 47),

A narrativa visual em que o leitor “lê” os episódios normalmente da esquerda para a direita e de cima para baixo já era conhecida na Idade Média, mas sua importância cresceu com o surgimento da xilogravura, no renascimento. Produziam-se xilogravuras em longas tiras para registrar certos eventos, como o percurso de procissões nas ruas. Essas tiras equivaliam aos rolos medievais, davam aos leitores a impressão de ver a procissão passar.

Partindo dessa reflexão, o professor não pode perder de vista o conceito de simultaneidade temporal tão presente na poesia e narrativas contemporâneas, mesmo porque uma das diferenças que Lipovetsky (2004) aponta na “hipermodernidade” – tempo que ele demarca a partir da década de 1980 – é que não há negação do passado como houve na pós-modernidade. Os tempos são, agora, coexistentes como são as linguagens.

Para finalizar, outra voz que vem corroborar nossas reflexões é da semiótica Lúcia Santaella (2007, p. 24) que, de forma mais radical, afirma:

Já não há lugar, nenhum ponto de gravidade de antemão garantido para qualquer linguagem, pois todas entram na dança da instabilidade. Texto, imagem e som já não são o que costumavam ser. Deslizam uns para os outros, sobrepõem-se, complementam-se, confraternizam-se, unem-se, separam-se e entrecruzam-se.

Entretanto, é preciso ter consciência de que sem o professor capacitado para deslindar os procedimentos de criação, a intencionalidade, seja ela crítica ou assimilatória, os pontos de convergências e divergências de cada linguagem para mediar o processo de leitura e produção, poderemos correr o risco de apenas reproduzir de forma passiva o discurso da mídia.

Considerações finais

Para concluir, seja por meio dos argumentos que atestam o fim das fronteiras entre as linguagens em favor de suas convergências ou assimilação, seja por meio dos argumentos que enxergam nessa assimilação uma possibilidade de fazer uma síntese polifônica ou mesmo subverter, tematizar ou discutir o modo de funcionamento do discurso midiático, acreditamos que o trabalho com a literatura em interface com outras linguagens, inclusive a midiática, poderá contribuir para a formação do educando seja das séries iniciais, Ensino Médio ou Superior, pois, conforme vimos na nossa experiência, começamos com alunos-professores do curso superior e desses partiu o desejo de trabalhar com seus alunos do Ensino Fundamental e Médio. Cabe ao professor mediador fazer a modulação das vozes presentes em cada texto, considerando que, conforme vimos no fragmento citado dos PCN, no trabalho com a linguagem verbal e não verbal e seus cruzamentos verbovisuais, áudio-verbo-visuais, são produzidas formas sensoriais e cognitivas diferenciadas. A poesia visual ou intersignos, por exemplo, que destaca os significados da imagem fora da palavra, ou prescinde da palavra, pode atender tanto as necessidades sensoriais e cognitivas do estudante em fase de pré-letramento quanto do leitor veterano, pela sua capacidade de desautomatizar o olhar desse leitor que, já viciado pela rapidez da leitura de diversos códigos, acaba entrando num processo de automação. Desestabilizada essa automação por pequenas intervenções feitas pelo artista ou poeta e, certamente, com a mediação do professor, o aluno também será um leitor coautor, pois, nas propostas interativas ou colaborativas da criação artística ou literária da contemporaneidade, também se observa a dissolução das fronteiras entre autor e leitor.

Nota

- * O Parfor na modalidade presencial é um programa emergencial instituído para atender o disposto no artigo 11, inciso III do Decreto nº 6.755, de 29 de janeiro de 2009 e implantado em regime de colaboração entre a Capes, os estados, os municípios, o Distrito Federal e as Instituições de Ensino Superior (IES).

Referências

- ARAÚJO, Ricardo. *Poesia Visual Vídeo Poesia*. São Paulo: Perspectiva, 1999. (Debates).
- AUGÉ, Marc. Sobremodernidade: do mundo tecnológico de hoje ao desafio essencial do amanhã. In: MORAES, Dênis (Org.). *Sociedade Midiatizada*. Tradução Carlos Frederico Moura da Silva, Maria Inês Coimbra Guedes e Lúcio Pimentel. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 99-118.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)*. Parte II Linguagens Códigos e suas Tecnologias. Ensino Médio. Brasília, DF, 2000.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet*. Tradução Maria Carmelita Pádua Dias. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. Tradução Ângela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.
- COSSON, Rildo. *Fronteiras Contaminadas: Literatura como jornalismo e Jornalismo como literatura no Brasil dos anos 1970*. Brasília, DF: Ed. da UnB, 2007.
- FONSECA, Rubem. *Contos reunidos*. Organização de Boris Schnaiderman. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- FREIRE, Marcelino (Org.). *Os cem menores contos do século*. São Paulo: Ateliê, 2009.
- LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos Hipermodernos*. São Paulo: Barcarola, 2004.
- MACHADO, Arlindo. Arte e mídia: aproximações e distinções. *Galáxias: Revista transdisciplinar de comunicação, semiótica, cultura do Programa Pós-Graduado em Comunicação e Semiótica da PUC-SP*, São Paulo, n. 4, p. 22, 2004.
- MARICONI, Ítalo (Org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MENEZES, Philadelpho. *Clichés*. Disponível em: <<http://www.cultura.rj.gov.br/evento/a-poetica-de-philadelpho-menezes>>. Acesso em: 12 nov. 2013.
- MORAES, Denis de (Org.). *Sociedade midiaticizada*. Tradução Carlos Frederico Moura da Silva, Maria Inês Coimbra Guedes e Lucio Pimentel. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- NILDÃO. *O Sol nasce para toldos*. Rio de Janeiro: Ed. Independente, 2005.
- POESIA visual. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=poesia+visual&espv=210&es_sm=93&tbn=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=30eGUs_hCciSkQfStoHIBw&ved=0CckQsAQ&>. Acesso em: 12 nov. 2013.

SANTAELLA, Lúcia. *Linguagens Líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007. (Comunicação).

_____. *Por que as comunicações e as artes estão convergindo?* São Paulo: Paulus, 2005. (Questões Fundamentais da Comunicação, 5).

SANTOS, Nelma Aronia. *A vora(z)cidade: procedimentos do discurso midiático na obra de Rubem Fonseca com ênfase no grotesco*. 2006. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

recebido em 17 out. 2013 / aprovado em 22 nov. 2013

Para referenciar este texto:

SANTOS, N. A. Literatura e mídia na prática pedagógica: uma experiência com professores do curso de Letras do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor). *Dialogia*, São Paulo, n. 18, p. 57-68, jul./dez. 2013.